



PROTESTANTISMO EM REVISTA

São Leopoldo | v. 48, n. 02 | jul./dez. 2022

ISSN 1678-6408

Coordenação Geral: Oneide Bobsin

Editor-Chefe: Celso Gabatz

Conselho Editorial: Adriane Luísa Rodolpho (UFPel), Mary Rute Gomes Esperandio (PUCPR), Emil Albert Sobottka (PUCRS), Ricardo Willy Rieth (EST/ULBRA), Edla Eggert (PUC-RS), Iuri Andréas Reblin (EST).

Comitê Científico desta edição: Carlos Ribeiro Caldas Filho (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/MG); César Augusto Danelli Júnior (Faculdade de Balsas/MA); Cesar Motta Rios (Universidade Luterana do Brasil/RS); Charles Klemz (Faculdades EST/RS); Claudete Beise Ulrich (Faculdade Unida de Vitória/ES); Cláudio de Oliveira Ribeiro (Universidade Federal de Juiz de Fora/MG); David Pessoa de Lira (Universidade Federal de Pernambuco/PE); Fábio Augusto Darius (Centro Universitário Adventista de São Paulo/SP); Fabricio Veliq Barbosa (Universidade Federal de Minas Gerais/MG); Gerson Leite de Moraes (Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP); Gisela Isolde Wächter Streck (Faculdades EST/RS); Hélio Aparecido Teixeira (UFPEL/RS); Jefferson Zeferino (Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PR); Joel Haroldo Baade (Universidade Alto Vale do Rio do Peixe/SC); José Guibson Delgado Dantas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS); José Neivaldo de Souza (Faculdade Batista do Paraná/PR); Kevin Willian Kossar Furtado (Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR); Laude Brandenburg (Faculdades EST/RS); Lúcio Jorge Hammes (Universidade Federal do Pampa/RS); Luiz Temóteo Schwanz (Augustana-Hochschule, Neuendettelsau/ Alemanha); Marcelo da Silva Carneiro (Universidade Metodista de São Paulo/ SP); Marcelo Ramos Saldanha (Faculdades EST/RS); Márcio Fernandes (Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PR); Martin Dietz (Faculdades EST/RS); Mauricio José Avilez Alvarez (Universidade Federal de Santa Catarina/SC); Nelson Lellis Ramos Rodrigues (Universidade Estadual do Norte Fluminense/RJ); Neivaldo de Souza (Faculdade Batista do Paraná/PR); Noli Hahn (Universidade Regional Integrada -Campus de Santo Ângelo/RS); Oneide Bobsin (Faculdades EST/RS); Osmar Veronese (Universidade Regional Integrada - Campus de Santo Ângelo/RS); Paulo Alfredo Schönardie (Polo Universitário Federal de Três de Maio/RS); Raquel de Fátima Colet (Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PR); Ruben Marcelino Bento Silva (Faculdades EST/RS); Rudolf Von Sinner (Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PR); Scheila Roberta Janke (Faculdade de Teologia Evangélica em Curitiba/PR); Silas Fiorotti (Faculdades Metropolitanas Unidas/SP).

Editoração Eletrônica: Ivan Kiper Malacarne.

Revisão: das pessoas autoras.

Capa: Marcelo Ramos Saldanha.

Órgão Promotor: Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST.

Instituição Promotora: Faculdades EST, Rua Amadeo Rossi, 467, Morro do Espelho – Caixa Postal 14, CEP 93.001-970, São Leopoldo/RS.

Endereço eletrônico: pr@est.edu.br.

O respeito às normas ortográficas vigentes e às fontes, mediante sua correta referência, no espírito da honestidade intelectual são de responsabilidade dos autores e das autoras dos textos. Qualquer parte da publicação pode ser reproduzida desde que citada a fonte. Os textos aqui reproduzidos e as opiniões neles contidas são de inteira responsabilidade de seus autores e de suas autoras e não expressam necessariamente a posição da revista. As normas de publicação estão dispostas no site.

Copyright da edição: ©2022 Faculdades EST

APRESENTAÇÃO

Corria o ano de 1989 quando um dos ideólogos do governo de Ronald Reagan, nos Estados Unidos, e mentor intelectual de Margaret Thatcher, na Inglaterra, o filósofo e economista Francis Fukuyama, propôs que a história havia chegado ao seu fim.¹ Ele logo se tornaria muito conhecido no meio acadêmico. Sua afirmação causou grande perplexidade, pois sublinhava o término das utopias, sobretudo, por conta do esfacelamento dos ideais soviéticos. Para ele, estaríamos, pois, condenados a um futuro que se alongaria numa sucessão de fatos menores e de meros acontecimentos sem muita relevância.

Fukuyama expressava a mentalidade de um tempo que começava a ser chamado de pós-modernidade. Um elemento histórico caracterizado pela decepção com as propostas do Iluminismo e com as afirmações da racionalidade. Tratava-se de questionar os avanços do saber científico; o domínio da natureza pela tecnologia; o aumento da produtividade e da riqueza material; a emancipação das mentes depois de séculos de imposição religiosa; o progresso e a salvação dos povos pelas instituições políticas; o aprimoramento moral dos indivíduos por meio da educação e das leis.

Se olharmos bem, ao que parece, muitos destes propósitos foram pelo ralo. Ideais e bandeiras apaixonadas ficaram em algum lugar do passado. Um mundo de utopias cedeu lugar ao mais absoluto hedonismo. Os grandes ideólogos políticos deixaram seus palanques para os especialistas em marketing. Diminuíram as trincheiras nas ruas das cidades e aumentaram as demandas da tecnologia.

Não por acaso, um dos maiores desafios de nosso tempo são as convicções fundamentalistas que vem se notabilizando por defender um mundo que parece existir apenas na mente de alguns poucos reacionários dispostos a pagar com a própria vida a imposição de um estado teocrático. Vislumbram uma sociedade que deveria caminhar apenas em uma única direção guiada pela leitura enviesada dos textos sagrados condicionados à disciplina e censura nos costumes e nas tradições. Entre tantos absurdos, se insiste, por exemplo, em condenar as mulheres a retrocederem séculos para se sujeitarem de novo às terríveis mordidas medievais.

Diante de tantas esquisitices de nossa era, no fundo, entorpecemos as consciências com a alienante desinformação. A televisão e as mídias sociais foram nos nivelando por baixo. A avalanche de novos fatos que se sucedem em um mundo globalizado não nos deixa tempo para a reflexão. Há uma cultura de consumo que anestesia e induz para que mantenhamos uma imagem muito distante da realidade sempre permeada pelas desventura e dificuldades do cotidiano.

Fernando Pessoa em seu magnífico “Livro do Desassossego”, afirmou que ao herdarmos uma descrença generalizada tanto no “cristianismo como na igualdade social, na ciência e nos seus proveitos” acabamos nos contentando em meramente viver. E arremata: “Ficamos, pois, cada um entregue a si próprio, na desolação de só sentir viver. Um barco parece ser um objeto cujo fim é navegar; mas o seu fim não é navegar, senão chegar a um porto. Nós encontramos-nos navegando, sem a ideia do porto que nos deveria acolher”.²

¹ FUKUYAMA, F. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

² PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 259-260.

Paulo Freire sentenciou, certa vez, que a esperança não é lutar porque vai dar certo, mas, por aquilo que vale a pena.³ Certamente a esperança deveria estar no alicerce de nossas mais profundas decisões. Mesmo sem saber bem como será o amanhã, é preciso perseverar. Buscar um mundo melhor. Não resignar-se diante de um futuro complexo e sombrio. Não se acomodar à profecia apocalíptica preconizada por pretensos conhecedores da história, a exemplo de Fukuyama.

Lutar por ideais, abraçar causas, romper zonas de conforto. Fazer da própria palavra um instrumento que coloque abaixo a mediocridade, desmontando estruturas sociais perversas e que sejam sempre uma contradição ao espírito individualista. É urgente nos dispormos a construir uma sociedade mais solidária, uma economia mais justa e um mundo sem tanto ódio e insensatez.

Que esta edição de Protestantismo em Revista seja um instrumento para ampliar horizontes de diálogo, conhecimento e esperança. Às pessoas autoras desta edição, o nosso agradecimento pelas importantes contribuições. A todas as leitoras e leitores, o desejo de uma instigante e proveitosa apreciação!

Fraternalmente,
Prof. Dr. Celso Gabatz
Editor-Chefe

³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.